

**VERMELHO AMARGO: MEMÓRIA, SENSações E FORMAÇÃO SUBJETIVA
NA POÉTICA DA PERDA DE BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS¹****BITTER RED: MEMORY, SENSATIONS AND SUBJECTIVE FORMATION IN THE
POETICS OF LOSS BY BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS**Tuane Santos Aragão²Fernanda Oliveira de Souza Simões³**RESUMO**

A literatura contemporânea tem ampliado as possibilidades de representação da memória e da subjetividade ao transformar experiências individuais em construções estéticas capazes de problematizar a condição humana. Este artigo analisa a obra *Vermelho Amargo* (2011), de Bartolomeu Campos de Queirós, investigando como a narrativa articula memória, sensações, linguagem e formação do sujeito a partir da experiência da perda materna. O estudo tem como objetivo compreender de que modo a simbologia da cor vermelha, os elementos sensoriais e a fragmentação narrativa constituem uma poética da dor e da reconstrução subjetiva. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza bibliográfica e interpretativa, fundamentada nos estudos de Paul Ricoeur (2007), Gaston Bachelard (2008), Antonio Candido (2004; 2011), Walter Benjamin (1994), Wolfgang Iser (1996) e Umberto Eco (2002). A análise evidencia que a memória, na narrativa de Queirós, não se configura como recuperação objetiva do passado, mas como elaboração estética atravessada por afetos, lacunas e imagens simbólicas. Verifica-se ainda que objetos cotidianos, como o tomate e a própria cor vermelha, assumem dimensões metafóricas relacionadas à ausência e ao sofrimento. Conclui-se que *Vermelho Amargo* constitui uma narrativa de elevada densidade poética, na qual a linguagem literária transforma a experiência da perda em processo de constituição subjetiva e produção de sentidos.

Palavras-chave: Memória; Literatura brasileira contemporânea; Subjetividade; Sensibilidade; Prosa poética.

ABSTRACT

Contemporary literature has expanded the possibilities of representing memory and subjectivity by transforming individual experiences into aesthetic constructions capable of questioning human existence. This article analyzes the work *Vermelho Amargo* (2011), by Bartolomeu Campos de Queirós, investigating how the narrative articulates memory, sensations, language and subject formation through the experience of maternal loss. The study aims to understand how the symbolism of the color red, sensory elements and narrative fragmentation constitute a poetics of pain and subjective reconstruction. The research is qualitative, based on bibliographic and interpretative analysis, supported by studies by Paul Ricoeur (2007), Gaston Bachelard (2008), Antonio Candido (2004; 2011), Walter Benjamin

¹ Utilizou-se a ferramenta de Inteligência Artificial Generativa ChatGPT (OpenAI) como apoio à revisão textual, adequação às normas acadêmicas e tradução do resumo para o inglês. A análise, interpretação e responsabilidade científica pelo conteúdo são das autoras.

² Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, Mestrado e Doutorado Profissional (PPGEEProf) da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Campos Porto Velho. Integrante da Linha de Pesquisa 2: Currículo, Políticas e Diferenças Culturais na Educação Básica. Membro do Grupo de Pesquisa Educação Intercultural e Povos Tradicionais (GEIPOT) e Grupo de Pesquisa em Letramento Literário: Estudos da narrativa da/na Amazônia (GPELL) da UNIR. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8358003045741570>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6734-3898>. Email: tuane1782@gmail.com.

³ Mestra em Estudos Literários pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR, 2023). Membro do Grupo de Pesquisa em Letramento Literário: Estudos da Narrativa da/na Amazônia (GPELL/UNIR). Professora da Prefeitura Municipal de Porto Velho, vinculada à Secretaria Municipal de Educação (SEMED). E-mail: fernandasouzapvh@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5921941604869398>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5449-6361>

(1994), Wolfgang Iser (1996) and Umberto Eco (2002). The analysis demonstrates that memory in Queirós' narrative is not configured as an objective recovery of the past, but as an aesthetic elaboration marked by affections, gaps and symbolic images. It also reveals that everyday objects, such as the tomato and the color red, assume metaphorical dimensions related to absence and suffering. It is concluded that *Vermelho Amargo* constitutes a narrative of remarkable poetic density, in which literary language transforms the experience of loss into a process of subjective constitution and meaning production.

Keywords: Memory; Contemporary Brazilian Literature; Subjectivity; Sensitivity; Poetic prose.

1. INTRODUÇÃO

A literatura, enquanto manifestação estética da experiência humana, constitui um espaço privilegiado de elaboração simbólica das memórias, afetos e conflitos que atravessam a existência. Nas narrativas contemporâneas, especialmente aquelas marcadas por aspectos memorialísticos, o passado deixa de ser compreendido como simples registro de acontecimentos e passa a ser reconstruído pela linguagem, pelo imaginário e pelas marcas subjetivas daquele que narra.

Nesse contexto, *Vermelho Amargo* (2011), de Bartolomeu Campos de Queirós, apresenta-se como uma narrativa profundamente marcada pela memória da infância, pela ausência materna e pela experiência da dor. Entretanto, a obra não se limita a representar uma trajetória individual de sofrimento; ela constrói uma reflexão estética sobre os modos pelos quais o sujeito reorganiza suas experiências por meio da linguagem.

A narrativa é estruturada a partir de um movimento de rememoração no qual o narrador revisita a infância atravessada pela morte da mãe e pela presença de uma madrasta cuja relação com os filhos é marcada pela rigidez e pela ausência afetiva. A casa, antes associada ao acolhimento, transforma-se em espaço simbólico da perda, enquanto objetos cotidianos passam a carregar significados relacionados ao abandono e à memória. O próprio narrador evidencia essa transformação ao afirmar: “Minha mãe morreu e com ela morreu também o jeito de a casa ser casa.” (Queirós, 2011, p. 17).

A passagem revela que a perda materna não representa apenas a ausência de uma pessoa, mas uma ruptura na própria percepção do mundo. A casa deixa de ser apenas espaço físico e torna-se representação simbólica de uma experiência afetiva modificada pela dor.

Essa compreensão aproxima-se das reflexões de Gaston Bachelard acerca do espaço vivido, especialmente quando o autor afirma que “a casa é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz

frequentemente, nosso primeiro universo” (Bachelard, 2008, p. 24). Entretanto, em Vermelho Amargo, esse primeiro universo encontra-se desestabilizado, pois a ausência transforma o espaço de proteção em lugar atravessado pela falta.

A problemática que orienta este estudo consiste em compreender como Bartolomeu Campos de Queirós transforma a experiência da perda em construção literária, articulando memória, sensações e linguagem na formação subjetiva do narrador. Parte-se da hipótese de que a dor, na obra, não funciona apenas como tema narrativo, mas como princípio estruturador da própria composição estética.

O objetivo deste artigo é analisar como os elementos simbólicos presentes em Vermelho Amargo, especialmente a cor vermelha, os objetos cotidianos e as imagens sensoriais, participam da elaboração da memória e da constituição do sujeito narrativo.

A relevância da pesquisa justifica-se pela contribuição aos estudos literários voltados à relação entre memória, subjetividade e experiência estética, compreendendo a literatura como espaço de reelaboração das experiências humanas. Conforme Candido (2004), a literatura possui uma dimensão humanizadora porque possibilita ao sujeito acessar experiências que ampliam sua percepção de si e do outro. Para o autor: “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade e o semelhante.” (Candido, 2004, p. 180).

Assim, a narrativa de Queirós possibilita compreender como uma experiência individual de perda transforma-se em experiência estética compartilhável, na qual o leitor participa da construção dos sentidos produzidos pelo texto.

A pesquisa apresenta abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e interpretativo, tendo como objeto de análise a obra Vermelho Amargo (2011). O estudo fundamenta-se nas contribuições de Paul Ricoeur sobre memória e identidade narrativa; Gaston Bachelard acerca da dimensão simbólica dos espaços e imagens; Antonio Candido (2004; 2011) sobre personagem e função humanizadora da literatura; Walter Benjamin (1994), sobre memória e experiência; Wolfgang Iser (1996) e Umberto Eco (2002) sobre participação do leitor na produção de sentidos.

O artigo está organizado em três movimentos analíticos: inicialmente, discute-se a relação entre memória, linguagem e formação subjetiva; posteriormente, analisa-se a dimensão simbólica das sensações e objetos presentes na narrativa; por fim, investiga-se o papel do leitor diante da fragmentação e dos silêncios constitutivos da obra.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A análise de Vermelho Amargo (2011), de Bartolomeu Campos de Queirós, exige uma abordagem teórica capaz de compreender a narrativa para além de sua dimensão memorialística, considerando-a como construção estética na qual memória, linguagem, sensibilidade e subjetividade encontram-se articuladas. A obra apresenta uma experiência de rememoração marcada por fragmentos, imagens simbólicas e sensações corporais, evidenciando que o passado, quando narrado, não retorna como realidade fixa, mas como reconstrução mediada pela linguagem.

Nesse sentido, os estudos de Paul Ricoeur (2007), Walter Benjamin (1994), Gaston Bachelard (2008) e Antonio Candido (2004; 2011) contribuem para compreender como a literatura transforma experiências individuais em formas simbólicas compartilháveis, enquanto as teorias de Wolfgang Iser (1996) e Umberto Eco (2002) permitem analisar o papel ativo do leitor na produção dos sentidos da narrativa.

2.1. Memória, narrativa e reconstrução do sujeito

A memória constitui um dos principais eixos estruturadores de Vermelho Amargo. Na narrativa, recordar não significa simplesmente recuperar acontecimentos passados, mas reorganizar experiências por meio de imagens, afetos e marcas deixadas no sujeito. O narrador adulto revisita a infância a partir de uma perspectiva marcada pela ausência, reconstruindo uma experiência que permanece presente pela força das sensações.

Essa concepção aproxima-se das reflexões de Paul Ricoeur (2007), para quem a memória possui caráter interpretativo e está diretamente relacionada ao processo narrativo de constituição do sujeito. Conforme afirma o filósofo, “não temos nada melhor que a memória para assegurar que algo ocorreu antes que formássemos sua lembrança” (Ricoeur, 2007, p. 40).

Entretanto, a memória não corresponde a uma reprodução integral do vivido. Ela envolve seleção, esquecimento e reorganização simbólica. Ricoeur (2007) destaca que a lembrança sempre é produzida a partir do presente, pois aquele que recorda já foi transformado pelas experiências posteriores.

Em *Vermelho Amargo*, essa característica manifesta-se na própria estrutura narrativa fragmentada. As lembranças aparecem associadas a objetos, imagens e sensações, como se o passado retornasse não pela ordem cronológica, mas por marcas afetivas.

O narrador afirma: “Guardo lembranças como quem junta cacos.” (Queirós, 2011, p. 39). A metáfora dos “cacos” evidencia uma memória fragmentada, composta por restos de experiências que precisam ser reorganizados pela linguagem. O passado não é apresentado como uma totalidade recuperável, mas como uma composição feita de vestígios.

Essa compreensão dialoga também com Walter Benjamin, especialmente quando o autor discute a relação entre experiência e narrativa. Para Benjamin (1994), a memória não opera como simples armazenamento de fatos, mas como processo no qual experiências são reelaboradas e transmitidas por meio da linguagem.

Segundo Benjamin: O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes.” (Benjamin, 1994, p. 201).

A narrativa de Queirós realiza justamente esse movimento: uma experiência particular de perda transforma-se em experiência estética compartilhada, permitindo que o leitor tenha acesso não apenas ao acontecimento narrado, mas à dimensão sensível que o acompanha.

Assim, a memória em *Vermelho Amargo* configura-se como elemento formador do sujeito. O narrador constitui sua identidade ao reorganizar aquilo que viveu, transformando a dor em linguagem e a ausência em matéria literária.

2.2 A poética do espaço e a simbologia dos objetos em Gaston Bachelard

A dimensão simbólica dos espaços e objetos cotidianos ocupa papel central na narrativa de Bartolomeu Campos de Queirós. A casa, os alimentos e especialmente o tomate não aparecem apenas como elementos descritivos, mas como imagens carregadas de significados afetivos.

Essa perspectiva aproxima-se da fenomenologia poética de Gaston Bachelard, para quem os espaços vividos são atravessados por memórias e valores subjetivos. O espaço literário não corresponde apenas a uma localização física, mas a uma experiência imaginária e afetiva. Bachelard afirma: “A casa é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo.” (Bachelard, 2008, p. 24).

A partir dessa concepção, a casa representa uma dimensão simbólica da existência humana. Em *Vermelho Amargo*, entretanto, esse espaço primordial sofre uma ruptura após a morte da mãe. O ambiente doméstico perde sua dimensão acolhedora e passa a representar ausência e desamparo.

A transformação da casa acompanha a transformação subjetiva do narrador. A perda materna modifica não apenas as relações familiares, mas também a maneira como o sujeito percebe o mundo.

Além do espaço, os objetos cotidianos assumem função simbólica. O tomate, elemento aparentemente simples, torna-se uma das imagens mais significativas da obra. O alimento associado anteriormente ao cuidado materno passa a carregar a marca da dor. O narrador expressa: “O tomate perdeu o gosto. Ou fui eu que perdi a capacidade de sentir?” (Queirós, 2011, p. 25).

O questionamento revela que a perda não altera apenas o objeto, mas modifica a própria percepção do sujeito. O mundo permanece aparentemente igual, mas aquele que o observa foi transformado pela experiência da ausência.

Essa relação entre matéria e subjetividade encontra fundamento em Bachelard (2001), quando o autor destaca que as imagens poéticas ultrapassam a realidade concreta dos objetos, tornando-se manifestações da interioridade humana. Segundo o filósofo: “A imagem poética é um súbito relevo do psiquismo, uma emergência do coração na linguagem.” (Bachelard, 2008, p. 183).

Dessa maneira, o tomate, a faca e a cor vermelha deixam de representar apenas elementos materiais e passam a constituir imagens simbólicas da memória e da dor.

2.3 Literatura, personagem e experiência estética

A constituição do narrador-personagem em *Vermelho Amargo* evidencia que a subjetividade literária não se apresenta como algo estável ou acabado, mas como construção realizada por meio da linguagem narrativa.

Para Antonio Candido, a personagem literária resulta de uma organização estética dos elementos narrativos, sendo construída pela relação entre ações, sentimentos, conflitos e estrutura da obra. O autor afirma: “A personagem é um ser fictício, cuja natureza e unidade são estabelecidas pela organização especial da obra.” (Candido, 2011, p. 67).

Nesse sentido, o narrador de Queirós não deve ser compreendido como uma simples transposição da experiência pessoal do autor para o espaço literário, mas como uma construção narrativa elaborada esteticamente, na qual elementos da memória, da infância e da experiência da perda são ressignificados pela linguagem poética. A narrativa transforma vivências individuais em matéria literária, produzindo uma reflexão sobre a ausência, a dor e os processos de constituição do sujeito.

A infância narrada não aparece como simples lembrança pessoal, mas como elaboração artística de uma experiência marcada pela perda. A personagem se constitui justamente pelas lacunas, silêncios e tentativas de compreender aquilo que permaneceu sem explicação.

A literatura, nesse processo, assume uma função humanizadora. Candido (2004) argumenta que a experiência literária amplia nossa capacidade de compreender diferentes formas de existência porque coloca o leitor em contato com realidades diversas da sua própria.

Dessa forma, *Vermelho Amargo* apresenta uma personagem cuja formação ocorre pela linguagem. O sujeito narrativo nasce da tentativa de atribuir sentido ao sofrimento vivido, demonstrando que a literatura pode transformar experiências dolorosas em conhecimento sensível sobre a condição humana.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa, de caráter bibliográfico e interpretativo, fundamentado nos pressupostos dos estudos literários e na análise crítica da narrativa *Vermelho Amargo*, de Bartolomeu Campos de Queirós (2011). O percurso metodológico parte da compreensão da obra literária como uma construção estética e simbólica, cuja elaboração narrativa possibilita investigar aspectos relacionados à memória, à subjetividade, à experiência da dor e à constituição do sujeito.

A abordagem qualitativa justifica-se pelo fato de que a investigação não busca mensurar fenômenos, mas compreender sentidos produzidos pela linguagem literária, considerando elementos formais, simbólicos e discursivos presentes na narrativa. Conforme Minayo (2001), a pesquisa qualitativa dedica-se ao estudo dos significados, valores e interpretações construídas pelos sujeitos em determinados contextos, perspectiva que dialoga com a análise literária ao considerar a obra como espaço de produção de sentidos.

O corpus de análise constitui-se pela obra *Vermelho Amargo* (2011), narrativa memorialística de Bartolomeu Campos de Queirós, na qual o narrador revisita experiências da infância atravessadas pela perda materna, pela transformação das relações familiares e pela elaboração simbólica da ausência. A análise concentrou-se em quatro eixos principais: a simbologia da cor vermelha; a dimensão sensorial da narrativa; a relação entre memória, dor e formação do sujeito; e a participação do leitor na construção dos sentidos do texto.

O procedimento metodológico adotado corresponde à leitura analítico-interpretativa da obra, articulada aos estudos de Paul Ricoeur (2007), Walter Benjamin (1994), Gaston Bachelard (2008), Antonio Candido (2004; 2011), Wolfgang Iser (1996) e Umberto Eco (2002). Esses referenciais possibilitam compreender a narrativa não apenas como representação de uma experiência individual, mas como elaboração estética capaz de transformar vivências particulares em experiências simbólicas compartilháveis.

Nesse sentido, a análise considera que a literatura opera como espaço de reconstrução da memória e de elaboração da experiência, uma vez que, conforme Ricoeur (2007), a narrativa possui papel fundamental na organização da temporalidade e na constituição da identidade. Assim, *Vermelho Amargo* é compreendida como uma obra em que linguagem, lembrança e sensibilidade articulam-se na formação de um sujeito marcado pela ausência, mas também pela possibilidade de ressignificação por meio da palavra literária.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 O vermelho como signo da dor e da memória na narrativa de Bartolomeu Campos de Queirós

Em *Vermelho Amargo* (2011), a cor vermelha ultrapassa sua condição cromática e assume uma dimensão simbólica estruturante na narrativa. O vermelho não representa apenas uma tonalidade presente no cotidiano do narrador, mas constitui uma imagem carregada de afetos, associada à perda, à violência emocional e às marcas deixadas pela experiência da ausência materna.

Desde o início da narrativa, o vermelho aparece relacionado à intensidade da dor: “Desde sempre, imaginei a raiva vestida de vermelho, empunhando uma faca” (Queirós, 2011, p. 27).

A imagem construída pelo narrador revela que a cor deixa de pertencer exclusivamente ao campo visual e passa a integrar uma experiência afetiva. O vermelho transforma-se em memória sensível, capaz de condensar sentimentos contraditórios: amor, sofrimento, medo e perda.

Essa dimensão simbólica aproxima-se das reflexões de Bachelard (2008), para quem as imagens poéticas não são simples reproduções da realidade, mas manifestações da interioridade humana. Segundo o autor, “a imagem poética é uma emergência da linguagem que toca profundamente a consciência imaginante” (Bachelard, 2008, p. 183). Dessa forma, os elementos materiais presentes na narrativa como o tomate, a faca e a cor vermelha assumem uma função simbólica porque passam a carregar a experiência subjetiva do narrador.

O tomate, nesse contexto, constitui-se como um dos principais símbolos da narrativa. Inicialmente associado ao gesto amoroso da mãe, posteriormente torna-se representação da perda: “Cortar tomate era um ritual. Minha mãe fazia disso um gesto de amor. Depois, ninguém mais sabia cortar como ela. O tomate perdeu o gosto. Ou fui eu que perdi a capacidade de sentir?” (Queirós, 2011, p. 25).

A transformação do significado do alimento evidencia que a ausência materna altera a relação do sujeito com o mundo. O objeto permanece o mesmo em sua materialidade, mas sua significação modifica-se pela experiência da perda. A memória, portanto, reorganiza a percepção da realidade, atribuindo novos sentidos aos elementos cotidianos.

Nesse aspecto, Ricoeur (2007) contribui para compreender que a memória não constitui uma reprodução objetiva do passado, mas uma reconstrução mediada pela experiência presente. O passado retorna não como algo fixo, mas como narrativa reelaborada por meio da linguagem.

4.2 Sensações, corpo e linguagem: a construção narrativa da experiência da dor

Um dos aspectos mais significativos de *Vermelho Amargo* é a maneira como a dor é apresentada não apenas como sentimento abstrato, mas como experiência corporal. A narrativa constrói uma relação profunda entre memória e sensibilidade, fazendo com que a perda seja percebida pelo corpo antes mesmo de ser racionalmente compreendida.

O narrador afirma: “Dói. Dói muito. Dói pelo corpo inteiro. Principia nas unhas, passa pelos cabelos, contagia os ossos, penaliza a memória e se estende pela altura da pele. Nada fica sem dor.” (Queirós, 2011, p. 7-8).

Nesse fragmento, a dor ocupa todo o corpo do sujeito, tornando-se uma experiência totalizante. A linguagem fragmentada, marcada pela repetição do verbo “dói”, reproduz a intensidade da experiência traumática e evidencia que determinados acontecimentos ultrapassam a capacidade de representação direta.

A escrita de Queirós constrói, assim, uma poética do sentir, na qual visão, paladar e memória se articulam. O narrador não apenas lembra da perda; ele a revive sensorialmente. O gosto perdido do tomate, a imagem do vermelho e a presença da faca tornam-se marcas de uma memória afetiva.

Essa perspectiva aproxima-se de Benjamin (1994, p. 198), ao discutir a relação entre experiência e narrativa. Para o autor, a experiência humana encontra na linguagem uma possibilidade de transmissão e elaboração, ainda que determinadas vivências sejam marcadas por rupturas e silêncios.

Em *Vermelho Amargo*, o silêncio torna-se também elemento narrativo significativo. A ausência de explicações diretas amplia a dimensão simbólica da obra, pois o sofrimento não é apresentado por meio de uma descrição objetiva, mas por imagens que convocam a sensibilidade do leitor.

4.3 Perda materna e formação do sujeito: memória como reconstrução identitária

A perda materna constitui o núcleo organizador da narrativa e interfere diretamente na formação do sujeito narrador. A morte da mãe não representa apenas um acontecimento familiar, mas uma ruptura simbólica que modifica a maneira como o personagem percebe a si mesmo e o espaço ao seu redor. O narrador afirma: “Minha mãe morreu e com ela morreu também o jeito de a casa ser casa” (Queirós, 2011, p. 17).

A casa, que segundo Bachelard (2008) representa espaço primordial de proteção e intimidade, perde sua função acolhedora após a ausência materna. O ambiente doméstico deixa de ser apenas cenário e transforma-se em representação da própria fragmentação interior do sujeito.

Nesse processo, a memória exerce papel fundamental na constituição identitária. Para Ricoeur (2007), a identidade narrativa constrói-se pela articulação entre aquilo que o sujeito recorda e a forma como organiza essas lembranças em narrativa. Assim, o narrador de *Vermelho Amargo* constitui-se por meio da reconstrução simbólica da infância perdida.

A subjetividade apresentada na obra não se configura como uma identidade estável ou plenamente constituída; ao contrário, emerge das lacunas, dos fragmentos e das ausências que estruturam a experiência do narrador. Essa perspectiva aproxima-se das reflexões de Candido (2011, p. 54-55), para quem a personagem literária não corresponde a uma reprodução direta de uma pessoa real, mas a uma construção estética organizada pelos elementos internos da narrativa.

Dessa maneira, o narrador-personagem não é definido apenas pelo sofrimento vivido, mas pela capacidade de transformar a dor em linguagem. A escrita torna-se espaço de elaboração da experiência e possibilidade de reconstrução de si.

4.4 O leitor e a produção dos sentidos

A construção narrativa de *Vermelho Amargo* exige uma participação ativa do leitor. A fragmentação, os silêncios e as imagens simbólicas impedem uma leitura puramente informativa, conduzindo o leitor a interpretar aquilo que não está explicitamente dito.

Essa característica aproxima-se da teoria do efeito estético de Wolfgang Iser (1996), segundo a qual o texto literário apresenta espaços vazios que precisam ser preenchidos pelo leitor durante o processo de leitura. O sentido da obra, portanto, não está exclusivamente no texto nem exclusivamente no leitor, mas surge da interação entre ambos.

Em *Vermelho Amargo*, muitas experiências do narrador são sugeridas mais do que explicadas. O sofrimento da infância aparece por meio de imagens, sensações e metáforas, fazendo com que o leitor participe da reconstrução dessa memória.

Essa perspectiva também dialoga com Eco (2002), para quem o texto literário depende da cooperação interpretativa do leitor. A narrativa apresenta elementos que exigem inferências, associações e sensibilidade interpretativa.

Assim, a obra de Bartolomeu Campos de Queirós constitui-se como uma narrativa aberta, na qual a experiência individual da perda transforma-se em experiência estética compartilhada. O leitor não apenas observa a dor narrada, mas participa da construção de seus sentidos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste estudo buscou compreender de que modo a narrativa *Vermelho Amargo* (2011), de Bartolomeu Campos de Queirós, articula memória, dor, experiência sensorial e formação do sujeito por meio de uma linguagem marcada pela densidade poética e pela elaboração simbólica. Partiu-se da compreensão de que a obra ultrapassa a dimensão autobiográfica ao transformar uma experiência individual de perda em uma construção estética capaz de produzir sentidos compartilháveis sobre a condição humana.

Os resultados evidenciaram que a memória, na narrativa, não se apresenta como simples recuperação do passado, mas como um processo de reconstrução atravessado pela

subjetividade, pelas lacunas e pelas marcas afetivas da experiência vivida. Nesse sentido, as contribuições de Ricoeur (2007) permitiram compreender que o ato de rememorar envolve uma reorganização narrativa do tempo e da identidade, uma vez que o sujeito se constitui também pelas histórias que constrói sobre si mesmo.

A investigação demonstrou ainda que a simbologia do vermelho ocupa posição central na estrutura da obra, funcionando como signo da dor, da ausência e da permanência da memória. A cor, associada ao tomate, à faca e aos gestos cotidianos, deixa de representar apenas um elemento visual e passa a configurar uma experiência sensível, na qual corpo, lembrança e linguagem se articulam. Dessa forma, a narrativa evidencia que os objetos aparentemente simples do cotidiano podem adquirir profundidade simbólica quando atravessados pela experiência afetiva do sujeito.

No que se refere à formação do narrador-personagem, verificou-se que sua subjetividade é construída a partir da perda materna e da tentativa de atribuir significado à ausência. A infância narrada não corresponde apenas a uma etapa cronológica da vida, mas constitui espaço de formação subjetiva, no qual a dor é reelaborada por meio da palavra literária. Conforme discutido a partir de Candido (2011), a personagem literária constitui-se como construção estética organizada pela estrutura narrativa, revelando-se não como reprodução de uma realidade exterior, mas como resultado das escolhas formais e simbólicas do texto.

Também foi possível observar que a dimensão sensorial da narrativa constitui um dos principais recursos estéticos utilizados por Queirós. O gosto perdido do tomate, a presença da cor vermelha e a corporalidade da dor revelam uma escrita em que sentir e lembrar tornam-se experiências inseparáveis. A partir das reflexões de Bachelard (2008), compreendeu-se que os elementos materiais presentes na obra assumem valores imaginários e afetivos, transformando-se em imagens capazes de expressar estados interiores do sujeito.

Além disso, a análise evidenciou que a construção fragmentária da narrativa amplia a participação do leitor na produção de sentidos. Os silêncios, as lacunas e as imagens metafóricas presentes no texto convocam uma leitura ativa, conforme discutido por Iser (1996) e Eco (2002), para quem a obra literária depende da cooperação interpretativa daquele que lê. Assim, *Vermelho Amargo* não entrega significados totalmente definidos, mas estabelece um espaço de interação entre texto e leitor.

Dessa maneira, conclui-se que a obra de Bartolomeu Campos de Queirós contribui significativamente para os estudos literários ao evidenciar como a literatura pode transformar

experiências marcadas pela dor e pela ausência em formas estéticas de elaboração da memória e da subjetividade. A narrativa demonstra que a linguagem literária não apenas representa uma experiência vivida, mas produz novas possibilidades de compreensão sobre o sujeito, suas perdas e seus modos de reconstruir sentidos.

Por fim, destaca-se que *Vermelho Amargo* constitui uma obra relevante para pensar as relações entre memória, infância, sensibilidade e identidade na literatura brasileira contemporânea. Ao converter a experiência particular da perda em uma narrativa de alcance universal, Queirós reafirma o potencial da literatura como espaço de reflexão sobre a existência humana, sobre os processos de constituição do sujeito e sobre as múltiplas formas pelas quais a linguagem preserva aquilo que a ausência ameaça apagar.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Salles. **A personagem de ficção**. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 51-80.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004. p. 169-191.

ECO, Umberto. **Lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos**. Tradução de Attílio Cancian. São Paulo: Perspectiva, 2002.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996. v. 1.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Vermelho Amargo**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.